

★ COLEÇÃO MINIATURA ★

**John Steinbeck**

**A UM DEUS  
DESCONHECIDO**

*tradução de*  
SAMUEL SOARES

LIVROS DO BRASIL

## A UM DEUS DESCONHECIDO

*Ele é que nos faz respirar e a força é dádiva Sua.  
As altas divindades respeitam os Seus mandamentos.  
A Sua sombra é Vida, a Sua sombra é Morte;  
Quem é Ele, a Quem oferecemos o nosso sacrifício?*

*Apesar do Seu poder, tornou-se senhor da vida e do mundo resplandecente.  
E governa o mundo, os homens e as bestas.  
Quem é ele, a Quem oferecemos o nosso sacrifício?*

*Da Sua força as montanhas tomaram forma, e também o mar  
E o distante rio;  
São esses o Seu corpo e os Seus dois braços.  
Quem é Ele, a Quem oferecemos o nosso sacrifício?*

*Fez o Céu e fez a Terra e, pela Sua vontade, ocuparam os seus lugares,  
Contudo, olham-No e estremecem.  
O Sol nascente brilha sob a Sua vontade.  
Quem é Ele, a Quem oferecemos o nosso sacrifício?*

*Olhou sobre as águas que entesouraram o Seu poder e engendraram a imolação.  
É o Deus dos Deuses.  
Quem é Ele, a Quem oferecemos o nosso sacrifício?*

*Que não nos fira Aquele que fez a Terra,  
Que fez o Céu e o Mar reluzente?  
Quem é o Deus a quem oferecemos sacrifícios?*

## Capítulo 1

Após o armazenamento das colheitas na quinta Wayne, próximo de Pittsford, no Vermont, quando a lenha para o inverno estava cortada e a primeira fina camada de neve jazia no solo, Joseph Wayne foi ter com o pai, que se encontrava sentado na cadeira de costas altas, junto da lareira. Aqueles dois homens eram semelhantes. Ambos tinham grandes narizes e maçãs do rosto salientes; ambos os rostos pareciam feitos do mesmo material, mais duro e durável que a carne, uma substância semelhante à pedra, que não se altera com facilidade. A barba de Joseph era negra e sedosa, ainda suficientemente rala para que o esboço sombreado do queixo se visse através dela. A do velho era longa e branca. Cofiava-a aqui e ali, com dedos cautelosos, torcendo-lhe as pontas para a proteger. Só passado um bocado deu pela presença do filho a seu lado. Ergueu os olhos, velhos, conhecedores e plácidos olhos muito azuis. Os de Joseph eram também da mesma cor, mas orgulhosos e curiosos de juventude. Agora que se encontrava junto do pai, hesitava comunicar-lhe a sua nova heresia.

– A terra não vai produzir o suficiente, meu pai – disse humildemente.

O velho aconchegou a sua manta de lã de carneiro em volta dos ombros delgados. A sua voz era suave, feita para ordenar justiça simples.

– De que te queres queixar, Joseph?

– Já sabe que o Benjy tem namorada, meu pai? Casará quando chegar a primavera; no outono nascerá uma criança e no verão a seguir virá outra. A terra não estica, meu pai. Não chegará para todos.

O velho baixou os olhos lentamente, pondo-se a observar os dedos, que se lhe agitavam preguiçosamente no regaço.

– O Benjamin ainda não mo comunicou. Nunca dependeu muito das outras pessoas. Tens a certeza de que o namoro é a sério?

– Os Ramseys falaram disso em Pittsford, meu pai. A Jennie Ramsey tem um vestido novo e está mais bonita do que nunca. Vi-a hoje. Ela para mim nem olha.

– Ah! Talvez seja sério, então. O Benjamin deveria contar-me.

– E, por isso, está a ver, meu pai, a terra não vai produzir o suficiente para todos nós.

John Wayne ergueu de novo os olhos.

– A terra chega, Joseph – afirmou placidamente. – O Burton e o Thomas trouxeram as suas mulheres para casa e a terra chegou. Tu és o próximo em idade. Devias arranjar esposa, Joseph.

– Há limite para tudo, meu pai. A terra só pode sustentar uns tantos.

O olhar do pai agudizou-se.

– Tens ressentimentos para com os teus irmãos, Joseph? Haverá algum mal-entendido de que eu não tivesse ouvido falar?

– Não, senhor – protestou Joseph. – A quinta é demasiado pequena e... – Curvou o seu corpo na direção do pai. – Eu tenho ambições de vir a ter terra própria, senhor meu pai. Tenho andado a ler coisas sobre o Oeste e há lá boa terra barata.

John Wayne suspirou e cofiou a barba, torcendo-lhe as pontas para baixo. Profundo silêncio pairou sobre os dois homens, enquanto Joseph, de pé diante do chefe da família, aguardava a sua decisão.

– Se puderes esperar um ano – disse finalmente o velho –, um ano ou dois não é nada quando se tem só trinta e cinco. Se puderes esperar um ano, de certeza não mais que dois, então não me oporei. Tu não és o mais velho, Joseph, mas sempre pensei em ti como sendo o mais dotado. Thomas e Burton são bons homens, bons filhos, mas eu sempre tive a intenção de te abençoar a ti, para tomares o meu lugar. Não sei porquê. Há alguma coisa mais forte em ti do que nos teus irmãos, Joseph; mais segura e íntima.

– Mas estão a distribuir a terra no Oeste, meu pai. Basta lá viver um ano e construir uma casa e lavar um pouco que a terra passa a ser nossa. Ninguém poderá tornar a tirá-la da gente.

– Bem sei, já ouvi falar disso; mas suponhamos que te ias agora embora. Eu só teria cartas para saber como é que tu estavas, e aquilo que estavas a fazer. Dentro de um ano, Joseph. Eu acompanhar-te-ei, por cima da tua cabeça, no ar. Verei a terra que escolheres e o tipo de casa que construíres. Sinto curiosidade a esse respeito, sabes? Talvez até haja alguma forma de te poder ajudar aqui e ali. Supõe que perdes uma vaca, talvez te possa ajudar a encontrá-la; estando no ar dessa maneira, conseguirei ver até muito longe. Se ao menos esperares mais um pouco, poderei fazê-lo, Joseph.

– Estão a ocupar as terras – reafirmou teimosamente Joseph. – Este século já começou há três anos. Se eu esperar, os terrenos bons poderão já estar todos tomados. Tenho fome de terra, meu pai – e os seus olhos tinham-se tornado febris ao lembrar essa fome.

John Wayne acenou e voltou a acenar com a cabeça e apertou a manta contra os ombros.

– Estou a perceber – resmungou. – Não é só um pouco de inquietação. Talvez mais tarde eu consiga descobrir onde tu estás. – Depois, com decisão: – Chega-te a mim, Joseph. Põe a tua mão aqui; não, aqui. O meu pai fazia-o desta maneira. Um costume tão antigo não pode estar errado. Agora deixa a mão nesse sítio! – Curvou a cabeça branca. – Que a bênção de Deus e a minha também fiquem com esta criança. Que viva para ver a luz do Altíssimo. Que ame a sua vida. – Deteve-se por um momento. – Agora, Joseph, podes ir para o Oeste. Já nada te prende a mim.

O inverno depressa chegou, com fortes neves e o ar a congelar em agulhas. Durante um mês Joseph vagueou pela casa, hesitando em deixar o local da sua juventude e todas as fortes recordações materiais que dela lhe restavam, mas a bênção recebida libertara-o. Era um estranho naquele lar e sentia que os irmãos ficariam satisfeitos quando ele partisse. Fê-lo antes de a primavera chegar, e a relva estava verde nas colinas da Califórnia quando alcançou o seu destino.

## Capítulo 2

Após um período de deambulações, Joseph chegou ao longo vale chamado Nuestra Señora, e aí registou as suas pretensões à terra. Nuestra Señora, o longo vale da Califórnia Central, estava verde e dourado e amarelo e azul quando nele entrou. O chão plano cobria-se de aveia selvagem e flores de mostarda. O rio San Francisquito corria ruidosamente no seu leito pedregoso, através de um sulco aberto pela sua estreita floresta. Dois flancos da costa encerravam o vale de Nuestra Señora, de um lado protegendo-o contra o mar, do outro contra os ventos tormentosos do grande vale de Salinas. Na extremidade sudeste abria-se um desfiladeiro para as colinas, que deixava passar o rio e, próximo desse desfiladeiro, situavam-se a igreja e a cidadezinha de Nuestra Señora. As cabanas dos índios aglomeravam-se próximo das paredes de adobe da igreja e, embora ela se encontrasse muitas vezes vazia, com os santos estragados e parte do telhado num monte de destroços caídos no chão, e embora os sinos estivessem rachados, os índios mexicanos ainda viviam em volta dela, realizando as suas festas, dançando *La Jota* sobre a terra batida e dormindo ao sol.

Depois de registar o seu pedido de concessão de terras, Joseph Wayne pôs-se a caminho do novo lar. Tinha os olhos brilhantes de excitação sob o chapéu de aba larga e aspirava avidamente o ar. Usava calças novas, com um círculo

de botões de latão em volta da cintura, uma camisa azul, e um colete, por causa dos bolsos. As suas botas de salto alto eram novas e as esporas brilhavam como se fossem de prata. Um velho mexicano dirigia-se penosamente para Nossa Senhora. O seu rosto iluminou-se de prazer quando Joseph se aproximou. Tirou o chapéu e afastou-se para ele passar.

– Há festa nalgum sítio? – perguntou educadamente.

Joseph riu-se deliciado.

– Tenho cento e sessenta acres de terra no vale. Vou para lá fixar-me.

Os olhos do velho caminhante pousaram na espingarda que, no seu coldre, ia pendurada por baixo da perna de Joseph.

– Se vir um veado, senhor, e se o matar, lembre-se do velho Juan.

Joseph prosseguiu o seu caminho, mas gritou-lhe por cima do ombro:

– Quando a minha casa estiver construída, darei uma festa. Não me esquecerei de ti, Velho Juan.

– O meu genro toca guitarra, *señor*.

– Então ele que venha também, Juan.

O cavalo trotava rapidamente, raspando com os cascos as quebradiças folhas de carvalho; as ferraduras de ferro tintavam sobre as pedras protuberantes. O caminho passava através da longa floresta que bordejava o rio. Enquanto o percorria, Joseph sentia-se tímido, embora ansioso, como um rapzinho que se tivesse escapado para um encontro com uma mulher experiente e bela. Sentia-se meio embriagado e esmagado pela floresta de Nossa Senhora. Havia uma curiosa feminilidade no entrelaçado de ramos e rebentos, na comprida caverna verde aberta pelo rio entre as árvores e o viçoso mato. As intermináveis paredes de verdura, áleas e alcovas pareciam ter significados tão obscuros e prometedores como

os símbolos de uma antiga religião. Joseph estremeceu e fechou os olhos. «Talvez esteja doente», disse para si mesmo. «Quando abrir os olhos, pode ser que descubra que tudo isto é delírio e febre.» À medida que prosseguia, convenceu-se de que aquela terra era parte de um sonho que se dissolveria numa manhã seca e poeirenta. Roçou-lhe pelo chapéu um ramo de macieira-brava fazendo-o cair ao chão; quando Joseph desmontou, esticou os braços e inclinou-se para a frente, para tomar a terra com a mão. Sentia necessidade de sacudir a má disposição que o dominava. Ergueu os olhos para os cimos das árvores, onde o sol faiscava sobre trementes folhas, que o vento agitava bruscamente. Ao montar de novo o cavalo, chegara à conclusão de que nunca perderia o seu amor à terra. O ranger do cabedal da sela, o tinir das esporas, o raspar da língua do cavalo no freio cantavam notas agudas sobre o pulsar do terreno. Achou que tinha sido um tolo que agora recuperava a sua sensibilidade; estivera a dormir e fora despertado. Muito no fundo da sua memória residia o sentimento de ter sido traíçoeiro. O passado, o lar e todos os acontecimentos da infância estavam a perder-se, e sabia que tinha o dever de os recordar. Esta terra podia possuí-lo por completo, se não tivesse cuidado. Para combater um pouco a terra pensou no pai, na calma e paz, na força e eterna justiça do seu pai, e então, no seu pensamento, a diferença atenuou-se e decidiu que a contenda terminara, porque o pai e esta nova terra eram uma e a mesma coisa. Ficou então assustado. «Ele morreu», murmurou. «O meu pai deve estar morto.»

O cavalo saía da floresta junto do rio para seguir agora uma suave trilha que poderia ter sido aberta pelo corpo de um pitão. Tratava-se de um antigo caminho feito pelos cascos e patas de solitários animais receosos, que o haviam seguido como se gostassem até de fantasmas como companhia. Era

um caminho de inúmeros significados. Aqui dava uma larga curva para evitar um grande carvalho com espesso tronco inclinado, onde há muito um leão se tinha agachado a fazer a sua matança, e onde deixara o cheiro para monopolizar a senda: o caminho dava cuidadosamente a volta a uma rocha, sobre a qual uma cobra-cascavel costumava deitar-se ao sol. O cavalo mantinha-se no centro da vereda e respeitava todos os seus avisos.

Agora a vereda abria-se num largo prado relvado, no centro do qual uma colónia de carvalhos crescia, como uma ilha verde no meio de um lago ligeiramente menos verde. Ao aproximar-se das árvores, ouviu um agonizante lamento e, ao contornar o bosque, deparou-se-lhe um enorme javali, com presas recurvas e olhos amarelos, e um tufo de emaranhado cabelo avermelhado. A besta estava sentada sobre os quartos traseiros, dilacerando as patas de trás de um porquinho que ainda guinchava. À distância, uma fêmea e mais outros cinco porquinhos debandavam gritando o seu terror. O javali parou de comer e ergueu os ombros quando Joseph lhe chegou ao alcance do faro. Rosnou e depois voltou a dar atenção ao porquinho moribundo, que ainda guinchava em tom agudo. Joseph fez empinar o cavalo. Tinha o rosto contraído de cólera e os olhos haviam perdido a cor, até se tornarem quase brancos. « Raios te partam », gritou. « Come outras criaturas. Não os teus semelhantes. » Tirou a espingarda do coldre e apontou para os olhos amarelos do javali. E depois baixou o cano e o seu dedo soltou a culatra. Deu uma risada curta e exclamou: « Estou a tomar demasiado poder nas minhas mãos », disse. « Ele é pai de cinquenta porquinhos e poderá vir a ser a fonte de outros cinquenta. » O javali deu uma volta e resfolegou, quando Joseph passou por ele.

A vereda contornava uma extensa falda de um monte densamente protegido por arbustos: amoras silvestres, macieiras-bravas e carvalhos enfezados, tão densamente encostados que até os coelhos tinham de abrir túneis entre eles. O caminho forçava a sua passagem para o cimo do longo cume estreito e passava por uma cintura de árvores, carvalhos de várias espécies. Entre os seus ramos, surgia um ténue fragmento branco de nevoeiro, que flutuava delicadamente, precisamente por cima dos topos das árvores. Num momento, outro fiapo translúcido e mais outro se lhe juntaram. Navegaram por ali, como fantasmas semimaterializados, tornando-se cada vez maiores até encontrarem de repente uma coluna de ar quente e se erguerem no céu, para se transformarem em pequenas nuvens. Formavam-se por todo o vale ténues nuvenzinhas, ascendendo como espíritos da morte a erguerem-se de uma cidade adormecida. Pareciam desaparecer contra o céu, mas o Sol estava a perder calor por causa delas. O cavalo de Joseph levantou a cabeça, cheirando o ar. No alto do cume encontrava-se um maciço de árvores gigantescas, e Joseph observou maravilhado que elas pareciam feitas de carne e músculos. Estendiam ramos musculados, tão vermelhos como carne esfolada e contorciam-se como corpos de supliciados. Passou a mão por um deles enquanto passava e achou-o frio, liso e duro. Mas as folhas dos extremos dos horríveis ramos eram de um verde brilhante. Árvores impiedosas e tremendas, as madronas. Gritavam de dor quando eram queimadas.

Alcançou o cume e olhou para baixo, para os terrenos relvados do seu novo lar, onde a aveia selvagem se agitava em ondas prateadas, sob uma brisa suave; onde as manchas de tremoços azuis se estendiam como sombras, numa noite clara e luminosa, onde as papoilas das encostas dos montes

eram largos raios de Sol. Parou para contemplar os prados extensos, em que os maciços de carvalhos eram como que os donos da terra. O rio, com as suas paredes de árvores, descia tortuoso para o vale. A cerca de duas milhas de distância divisava-se, junto de um gigantesco carvalho isolado, a mancha branca da tenda que ali tinha montado antes de ir registar a sua concessão de terrenos. Esteve ali parado muito tempo. Olhando o vale, sentiu-se inundado por um quente fluido amoroso. «Isto é meu», disse, com as lágrimas a brilharem-lhe nos olhos; tinha a cabeça cheia da constatação de tal facto. Sentiu pena das ervas e das flores; as árvores e a terra eram como filhos seus. Durante um bocado, pareceu-lhe pairar no espaço, olhando para baixo. «É minha», voltou a dizer, «e tenho de a tratar bem.»

As nuvenzitas continuavam a acumular-se no céu; um grupo delas corria para nascente, a juntar-se ao exército já reunido a nível da montanha. Das serras, a oeste, as nuvens marítimas acorriam em desafio. O vento suspirou entre os ramos das árvores. O cavalo percorria com ligeireza a vereda que descia para o rio, levantando e baixando a cabeça; aspirava o cheiro fresco e agradável da chuva que não tardaria a cair. A cavalaria das nuvens já passara e um enorme maciço negro vinha da direção do mar, vagorosamente, com um ribombar de trovão. Joseph estremeceu com o prazer da violência iminente. O rio deu a impressão de se apressar no seu curso, tagarelando, excitado, sobre as pedras do caminho. E principiou então a chover, gotas grossas e lentas, pingando das folhas. O trovão ressoou como se no céu estivessem a rolar caixões. As gotas de chuva tornaram-se mais miúdas e espessas, varrendo a atmosfera e assobiando por entre as árvores. A roupa de Joseph ficou encharcada num minuto: o cavalo rebrilhava de molhado. No rio, as trutas saltavam para

apanharem os insetos que lá tombavam; os troncos das árvores brilhavam, negros.

O caminho afastava-se novamente do rio e, à medida que se aproximava da sua tenda, Joseph notava que as nuvens corriam para trás, de oeste para leste, como se fossem uma manta de lã cinzenta; o sol da tarde brilhava sobre a terra lavada, reluzia nas folhas de erva e faiscava nas gotas que enchiam as corolas das flores silvestres. Desmontou em frente da tenda, tirou os arreios ao cavalo e esfregou-lhe o dorso e as patas, com um pano, antes de o deixar ir pastar em liberdade. Ficou ali de pé, sobre a erva húmida. O sol poente brincava-lhe com os cabelos castanhos e o vento da tarde eriçava-lhe a barba. A expressão faminta nos seus olhos tornou-se voraz, ao contemplar o extenso vale verde. A possessibilidade que o dominava transformou-se em paixão. «É minha», murmurou. «Até às suas profundezas, pertence-me; até ao centro da terra.» Bateu com os pés na terra macia. A exultação que sentia transformou-se-lhe então numa aguda dor de desejo, que lhe percorria o corpo como um rio de águas quentes. Deixou-se cair sobre a relva húmida, apoiando com força o rosto contra ela. Apertando-a com dedos convulsivos, arrancava-a e voltava a apertá-la. As suas coxas batiam com mais força no solo.

A fúria abandonou-o e sentiu-se frio, desorientado e assustado. Sentou-se e limpou a lama dos lábios e da barba. «Que se passou comigo?», perguntou-se. «Que me aconteceu? Terei tanta necessidade assim?» Tentou lembrar-se precisamente do que se tinha passado. Durante um momento a terra fora sua amante. «Preciso de arranjar mulher», decidiu. «Vou sentir-me muito sozinho aqui, sem ter companhia.» Estava cansado. Doía-lhe o corpo como se tivesse levantado em peso uma grande pedra, e aquele momento de paixão tinha-o assustado.

A sua ceia frugal foi cozinhada sobre uma fogueira em frente da tenda; quando a noite tombou, sentou-se no chão a contemplar as estrelas frias e brancas; sentia a terra pulsar. O fogo transformou-se em brasas e Joseph ouviu os coiotes a uivarem nos montes, os mochos pequenos a piarem por ali e os ratos do campo a fugirem por entre as ervas à sua volta. Passado um bocado, a Lua cor de mel ergueu-se por trás da cumeada ocidental. Antes de se libertar dos montes, a sua face dourada espreitou por entre barras de troncos de pinheiro. Depois, durante um momento, um pinheirito aguçado e negro perfurou-a, desaparecendo quando a Lua subiu mais no céu.